

Da linguística geral à poética do discurso: a noção de sistema

Daiane Neumann¹

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS, Brasil

Resumo: Este artigo intenta trazer a noção de sistema para o centro da discussão acerca do pensamento saussuriano e da reflexão da poética do discurso a fim de compreender seu papel tanto na fundação da linguística moderna quanto seus efeitos na proposição da poética, tal como concebida por Henri Meschonnic. Para tanto, é preciso que se dissocie a noção de sistema da de estrutura, em Saussure, com o objetivo de que se atente para o caráter eminentemente dinâmico daquela. Como se argumenta neste texto, é a partir dessa reflexão que se pode abrir os estudos da linguagem para o pensamento do contínuo, o que transforma não somente a análise linguística mas também a forma de conceber a literatura e a arte.

Palavras-chave: Sistema; Sistema de discurso; Poética do discurso.

Title: From general linguistics to the poetics of discourse: the notion of system

Abstract: This paper attempts to bring the notion of system to the center of the discussion about the Saussurian thought and reflection on the poetics of discourse in order to understand its role both in the foundation of modern linguistics and its effects on the proposition of poetics as conceived by Henri Meschonnic. To do so, it is necessary to dissociate the notion of system from that of structure in Saussure, with the purpose of paying attention to the eminently dynamic character of the former. As discussed in this text, it is from this reflection that we can open language studies to the thought of the continuum, which transforms not only linguistic analysis but also the way of conceiving literature and art.

Keywords: System; System of discourse; Poetics of discourse.

Palavras iniciais²

Neste trabalho, busco traçar um percurso da noção de sistema, passando pelo *Curso de linguística geral (CLG)*, de Ferdinand de Saussure (2004 [1916]), chegando à poética do discurso, conforme proposta por Henri Meschonnic, com o objetivo de aprofundar a discussão acerca dessa noção e, mais especificamente, refletir sobre seu potencial teórico, sobretudo para a proposição de um pensamento do contínuo da linguagem.

É preciso, no entanto, de início, atentar para o fato de que a recuperação da noção de

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora dos cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Líder do grupo de pesquisa “Linguística, literatura e arte” vinculado ao CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7363-0375>. E-mail: daiane_neumann@hotmail.com.

² Este texto se insere no âmbito do projeto de pesquisa denominado “Émile Benveniste e a abertura para uma antropologia histórica da linguagem”, que recebe apoio da FAPERGS.

sistema em Saussure e a tentativa de elaborar um contraste com a noção de estrutura não têm por objetivo contestar o legado de Saussure no movimento estruturalista. É incontestável que as teorizações que encontram amparo nesse movimento tão amplo e diverso beberam da fonte do *CLG* e buscaram, na obra, suporte para as bases de suas teorizações.

O que intento fazer aqui é tão simplesmente atentar para o caráter complexo e instigante do legado saussuriano, em especial, do *CLG*, que permite diferentes leituras, abordagens e interpretações. A abordagem de que lanço mão, neste texto, situa-se amparada na poética do discurso, proposta por Henri Meschonnic, cuja leitura do pensamento saussuriano busca lançar luzes para as noções de sistema, valor, funcionamento e arbitrário, na medida em que tais noções são aquelas que mais interessam para a construção de um pensamento do discurso.

Para cumprir os objetivos propostos neste artigo, será discutida, na primeira seção, a noção de sistema no *CLG*. Na segunda seção, a noção de sistema será compreendida a partir da reflexão presente na poética do discurso, conforme proposta por Henri Meschonnic. Por fim, serão apresentadas algumas considerações finais, a partir do percurso teórico estabelecido.

A noção de sistema no *CLG*

Benveniste (2005 [1966]), no texto “‘Estrutura’ em linguística”, publicado originalmente em 1962, talvez tenha sido o primeiro a observar que foi com razão que se chamou a Saussure de precursor do estruturalismo moderno. No entanto, o linguista atenta que “para uma descrição exata do movimento” não se deve simplificar, pois “Saussure jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra *estrutura*”, a noção essencial a seus olhos “é a de *sistema*” (Benveniste, 2005 [1966], p. 98).

Embora Benveniste (2005 [1966]) não tenha percebido que há o uso do termo “estrutura” em Saussure, como também o nota Tullio de Mauro na sua edição crítica do *CLG*³, o linguista sírio faz uma importante observação no que tange à constatação de que, no pensamento saussuriano, a noção central é aquela de sistema. Conforme Neumann e Anjos (2019), as três ocorrências observadas por Dosse (1993) do termo “estrutura”, no *Curso de Linguística Geral*, são as seguintes:

Se, por exemplo, em grego *m*, *p*, *t* etc., não podem nunca figurar no fim de uma palavra, isso equivale a dizer que sua presença ou sua ausência em tal lugar conta na estrutura da palavra e na da frase (Saussure, 2004 [1916], p. 151-152).

Empregam-se amiúde os termos de *construção* e de *estrutura* a propósito da formação das palavras; esses termos, porém, não têm o mesmo sentido conforme se apliquem à aglutinação ou à analogia (Saussure, 2004 [1916], p. 207).

Em certos idiomas, caracteres precisos assinalam a raiz para os falantes. É o caso do alemão, em que tem um aspecto assaz uniforme; quase sempre monossilábica (cf.

³ Ver Saussure (2005 [1916/1967]).

streit-, bind-, haft- etc.), ela obedece a certas regras de estrutura: os fonemas não aparecem nela numa ordem qualquer [...] (Saussure, 2004 [1916], p. 217).

A primeira ocorrência se dá no capítulo “Mecanismo da língua”, quando Saussure explica o funcionamento simultâneo de relações associativas e sintagmáticas e utiliza o termo “estrutura” para referir-se à palavra, à frase, com o objetivo de explicar os procedimentos de fixação e de escolha das unidades mínimas e dos elementos fonológicos, quando estão revestidos de um valor. No segundo trecho, presente no capítulo “A aglutinação”, ao diferenciar os processos de aglutinação dos de analogia, o linguista faz o uso do termo “estrutura” para referir-se à formação de palavras. Na terceira e última ocorrência, presente no apêndice, dedicado à “análise subjetiva e [à] determinação de subunidades”, Saussure utiliza o termo “estrutura” para fazer referência à ordenação dos fonemas, um aspecto secundário na discussão que o autor faz sobre a percepção dos falantes em relação ao que é raiz de uma palavra.

A busca e análise das três ocorrências do termo “estrutura”, no *CLG*, testemunham que em nenhum momento Saussure utiliza o termo “estrutura” como sinônimo de “sistema”. Nem mesmo há articulação entre os dois termos. Essa “confusão” entre tais termos pode levar a leituras e interpretações bastante diversas do legado saussuriano. Conforme observa Meschonnic (2007, p. 51-52), em Saussure, a noção de sistema é uma noção eminentemente dinâmica; no entanto, o estruturalismo o lê como estrutura, enfatizando o caráter formal e a-histórico.

O sistema, para Lösener (2021), não pode ser separado da respectiva língua. Dessa forma, o sistema é cada vez único, cada vez histórico. Já a estrutura, para o autor, pode ser separada da língua individual e da história, conforme se pode notar na estrutura da poesia, em Jakobson, ou na estrutura profunda, em Chomsky.

É a noção de sistema, no entanto, que sustenta a teorização saussuriana. Como pontua Normand (2009, p. 50), “dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua”. Somente a partir da definição desse “interior”, dessa ordem própria da língua é que se pode estabelecer o princípio da arbitrariedade linguística e a teoria valor.

Uma das afirmações mais conhecidas dos leitores do *CLG* é de que “o signo é arbitrário”. Com esse axioma, como observa Normand (2009), o linguista não deve tentar perder seu tempo na tentativa de demonstrar que a língua é uma convenção, posição filosófica incontornável, em geral admitida ao fim do século XIX. No entanto, o que permite a proposição desse axioma é a tomada da língua como sistema, pois o arbitrário “define o sistema linguístico por um ‘é assim!’” (Normand, 2009, p. 64). O signo linguístico pode ser tomado como arbitrário porque o que define seu valor não é a relação com uma realidade pré-existente à língua, nem mesmo uma convenção. O valor do signo é definido via a solidariedade sistêmica:

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. O pensamento caótico por natureza é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o “pensamento-som” implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas (Saussure, 2004 [1916], p. 131).

Cumprido notar ainda que, para Saussure (2004 [1916], p. 132), “a escolha que se decide por tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária”, “o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário”. Essa misteriosa elaboração interna de recorte e combinação de unidades que se estabelece no sistema linguístico, de acordo com Normand (2009), apresenta uma tomada de posição sobre a questão da relação entre o pensamento e a linguagem, afastando-se das metáforas de “molde” ou “reflexo”.

É também porque a língua forma um sistema que se pode estabelecer a teoria do valor, tomando-a a partir da compreensão de que os signos linguísticos se constituem na relação, na medida em que um signo é o que o outro não é. Dessa maneira, a língua forma um sistema em que “todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros” (Saussure, 2004 [1916], p. 133).

A definição do valor linguístico via a sua negatividade em relação aos outros signos da língua traz para os estudos da linguagem um modo de refletir pautado no pensamento da relação alteritária. Um signo linguístico não pode jamais ser definido em si mesmo, mas tão somente em relação aos outros. Isso significa que quando um signo muda, não se pode prever facilmente a consequência que tal mudança desencadeará no todo do sistema.

A invenção da noção de valor, por Saussure, conforme pontua Meschonnic (1975), testemunha uma luta contra a noção de forma, bem como contra aquela de substância⁴. De acordo com Godel, através do termo valor, “Saussure pensava escapar dos equívocos que lhe tornavam odiosa a terminologia recebida e particularmente a palavra *forma*”⁵ (Godel, p. 207 *apud* Meschonnic, 1975, p. 220, tradução própria). Assim, para Meschonnic (1975), toda uma tradição filosófica é recusada com a *forma*; uma recusa solidária do diferencial e do “pensamento-som”. Não se trata, portanto, em Saussure, nem da forma nem da substância, mas do valor e da diferença.

Da mesma maneira, em Saussure (2004 [2002], p. 76), o linguista propõe que “não há *unidade* alguma (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre alguma coisa além das *diferenças*, na realidade a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe”. Ainda nos *Escritos*⁶, há a afirmação de que a língua não nos oferece uma *substância* sob nenhuma de suas manifestações; apenas *ações*, que se apresentam de forma

⁴ É importante ressaltar que tal posicionamento proposto por Meschonnic e Godel difere daquele de Tullio de Mauro, na introdução da edição crítica do *Cours de linguistique générale*, Éditions Payot & Rivages, 2005.

⁵ No original, lê-se: “Saussure pensait échapper aux équivoques qui lui rendaient odieuse la terminologie reçue, et singulièrement le mot *forme*”.

⁶ Mais especificamente na seção III. – Outros escritos de linguística geral, subseção II. – Antigos documentos (Edição Engler 1968 – 1974), 10ª [Notas para um livro sobre a linguística geral, 1] (1893 – 1894).

combinada ou isolada. As forças aí em ação, segundo o linguista, podem ser psicológicas, físicas ou mentais.

Dessa constatação, deriva uma outra igualmente importante: “Não temos jamais o direito de pensar que um aspecto da linguagem seja anterior e superior aos outros, devendo servir de ponto de partida” (Saussure, 2004 [2002], p. 170).

A língua tomada como um sistema de valores arbitrários se afasta de uma concepção de que esta seria um meio de comunicação, não para negá-la, mas para iluminar o poder fundador da linguagem. Construindo um mundo e uma ordem própria, a linguagem que “serve para *viver*” (Benveniste, 2006 [1974], p. 222) acaba por ser a responsável por mediar, significar e, portanto, fundar todas as relações no meio humano, seja entre o homem e outro homem, entre o homem e a realidade, entre o homem e as coisas.

A tomada da língua enquanto um sistema de valores radicalmente arbitrários, ao contrário do que foi compreendido pela maior parte dos estudiosos da linguagem durante o século XX, não fecha a língua em um mundo de abstração e a “descola” de tudo o que a rodeia. Ao serem tomados tais princípios saussurianos e, a partir deles, discutir-se acerca do discurso, conforme o fazem Émile Benveniste e Henri Meschonnic, por exemplo, busca-se repensar a relação entre linguagem e homem, linguagem e sociedade, linguagem e cultura, na medida em que se tomam tais pares como constitutivos uns dos outros, em um movimento de significar que é, a cada momento, um devir.

A noção de sistema na poética do discurso

O objeto da poética do discurso é o poema, tomado como aquele que inventa um novo modo de significar, como aquele que apresenta uma nova forma de viver através da linguagem. Nesse sentido, o poema não precisa ser escrito necessariamente em verso; pode-se observar o poema na poesia, mas também no romance, na peça de teatro, no texto teórico, no filosófico.

O poema é tomado como um sistema de discurso. Dessa forma, os textos, as obras são considerados como unidades, como sistemas que, embora compostos de unidades da língua, produzem uma significância própria que as ultrapassa, que as transborda. Essa ultrapassagem, esse transbordamento se deve à subjetividade, ao ritmo, à voz, ao silêncio do discurso; elementos esses que testemunham o que é da ordem da continuidade da linguagem, o que é da ordem do inefável, do resto da linguagem.

Na reflexão proposta pela poética do discurso, a noção de sistema forjada por Saussure intervém na medida em que, de acordo com essa noção, a teoria da linguagem é concebida como uma anterioridade, ou seja, não há o dado, o anterior, o pré-definido; somente a relação, a partir do funcionamento. Nesse sentido, a linguagem é rio, é vida, é fluxo contínuo.

Da mesma forma que a língua, os textos e as obras não formam mais estruturas, mas sistemas, cujas configurações são passíveis de mudança, por isso, não se apresentam como uma forma fixa. Os textos e as obras não produzem, conseqüentemente, unidades, mas valores que os constituem enquanto sujeitos, passíveis de novas significações. Os textos e as

obras se fundam a partir de um radicalmente arbitrário, “as obras, enquanto sistema, significam e constituem sua experiência nos sistemas de discurso ao mesmo tempo linguísticos e extralinguísticos”⁷ (Savang, 2015, p. 93, tradução própria).

É preciso, contudo, atentar para a ideia de que o sistema de discurso não é fechado, mas aberto. Para Decrosse (1995, p. 197 *apud* Savang, 2015, p. 93, tradução própria), “o sistema e as práticas estão em inter-relações dinâmicas”⁸, ou seja, um sistema não se define pelo inventário de suas unidades, mas pela significância que as informa, a partir de outros sistemas, da dinâmica de outros sistemas.

Mesmo Benveniste, em suas notas manuscritas, atenta que:

Os sistemas não são universos fechados, isolados uns dos outros. A relação entre eles ocorre por geração: um sistema gerador, um sistema gerado. Trata-se de uma relação de derivação. A priori, é o sistema de campo restrito que deriva do sistema de campo amplo. Da escritura da língua derivam a escritura música [...] e a escritura coreográfica (Benveniste, 2014, p. 108).

Considerando, dessa forma, o discurso como um sistema, conseqüentemente, para Meschonnic (2009 [1982]), no poema, há implicação máxima do sujeito da linguagem. Por isso, o sujeito é a sistematicidade do discurso, é o todo do discurso, está no contínuo do discurso. O sujeito não pode ser dividido em unidades significantes, em unidades parciais, pois o sujeito é o que organiza as unidades, o que as perpassa. O sujeito é continuidade, é devir – um devir que se reconfigura, via uma relação intersubjetiva, na medida em que se constitui em relação de alteridade, mas também em uma relação trans-subjetiva, a partir do processo de escuta desse discurso; processo que é infinito.

O discurso tomado como sistema é devedor, portanto, de uma subjetividade que é uma intersubjetividade, uma trans-subjetividade, mas não uma intrassubjetividade, que se confunde geralmente com o subjetivismo, com o individualismo, conforme pontua Meschonnic (2009 [1982]). Esse sistema não produz apenas um enunciado, mas uma cadeia de reenunciações; por isso, trata-se de “uma enunciação trans-histórica, trans-ideológica” (Meschonnic, 2009 [1982]).

Resulta-se dessa constatação que a subjetividade de um texto é construída a partir de uma transformação dos valores de uma língua em valores de discurso, que se tornam próprios daquele discurso, em todos os níveis linguísticos: o acentual, o prosódico, o sintático, o lexical. A subjetividade é, portanto, sistemática.

Passa-se, conseqüentemente, de uma lógica adotada, em geral pelos estudos enunciativos, de observar como as unidades já delimitadas no sistema da língua funcionam no discurso, para pensar como o discurso constrói o funcionamento do que, em um segundo momento da análise, vai-se recortar como unidades. O recorte da unidade e a relação entre elas também está na dependência do olhar do analista.

⁷ No original, lê-se: “Les œuvres, en tant que système, signifient et situent leur expérience dans les systèmes de discours à la fois linguistiques et extralinguistiques”.

⁸ No original, lê-se: “le système et les pratiques sont en interrelations dynamiques”.

Em Meschonnic (1970), o teórico da linguagem postula que as diferenças, tanto na língua quanto nas obras, não se relacionam com uma exterioridade ao sistema, mas são interiores ao sistema. As oposições e relações são responsáveis pelo funcionamento das grandes até as pequenas unidades, tomadas como automotivadas, autodeterminadas, já que são constituídas pelas obras. Dessa forma, a língua faz sistema na informação, a obra faz sistema no valor, este último tomado como princípio de organização do mundo e também, no sentido saussuriano, de reciprocidade interna infinita.

Da mesma forma, afirma Meschonnic (1970) que o sistema-língua repousa sobre um código estabelecido, transmitido, assim como o sistema-obra. Contudo, contrariamente ao que acontece na língua, caracterizada por uma estabilidade, uma comunidade relativa de “valores-diferenças”, o “valor-obra somente vive do *conflito* entre a necessidade interior da *mensagem* individual (que é a criatividade) e o código (gênero, linguagem literária de uma época, etc.) comum a uma sociedade ou a um grupo, código que é um conjunto de valores usados, existentes, - ‘lugares comuns’”⁹ (Meschonnic, 1970, v. 1, p. 40-41, tradução própria).

O poema é concebido como aquele que constrói o seu próprio semântico, mas também o seu próprio semiótico. Essa consideração produz uma alteração do ponto de vista do analista que busca compreender como o semântico constrói as unidades que se estabelecem como seu semiótico.

Passa-se de um paradigma em que se trabalha sobre o funcionamento de unidades já recortadas e estabelecidas pela tradição dos estudos linguísticos e literários, para um movimento de deixar-se interrogar pelo texto, tomando-o como um laboratório de produções de novas formas e novos sentidos. É nessa seara em que se lança o linguista Émile Benveniste, ao buscar compreender o que seria a língua de Baudelaire, forjada a partir da escrita da obra *Flores do mal*.

O poeta, segundo Savang (2015), não trabalha nem com unidades nem com signos isolados, mas a partir da relação entre sistemas, visto que os valores significantes da língua tomam uma significância própria, particular à experiência e à imaginação do poeta.

Dessa forma, o “eu” teria um estatuto paradoxal, segundo Meschonnic (2009 [1982]), pois embora ele tenha um estatuto de universal da linguagem, é ele também o responsável por fazer a historicidade do discurso. É ele o responsável por uma articulação e composição cada vez nova, cada vez única e cada vez particular do discurso.

Nesse sentido, o sujeito e o ritmo são solidários, já que o ritmo funciona como o organizador das relações discursivas, que perpassam todos os níveis da linguagem. O sistema de discurso constrói sua própria sintagmática e sua própria paradigmática. A significância é estabelecida a partir das relações entre os dois eixos.

O sujeito, o ritmo, a voz, o silêncio são os responsáveis pela organização desses dois eixos, o das sucessões e o das combinações. É o que perpassa as unidades, via combinação de rimas internas e externas, ecos prosódicos, bem como via modo de disposição das unidades,

⁹ No original, lê-se: “la valeur-oeuvre ne vit que du *conflit* entre la nécessité intérieur du *message* individuelle (qui est créativité) et le code (genre, langage littéraire d’une époque, etc.) commun à une société ou à un groupe, code qui est l’ensemble des valeurs usées, existentes, - ‘lieux *communs*’”.

de organização da lógica acentual, da pontuação e dos elementos tipográficos, que fazem o poema.

O que está em jogo, na tomada do discurso como sistema, é a percepção de que não se trata mais da análise nem do dizer nem do dito, mas do fazer. Essa busca da compreensão acerca do fazer do discurso, do efeito provocado pelo discurso, evidencia de forma contundente o caráter transformador e, portanto, ético e político da linguagem. O uso da linguagem sempre pressupõe uma ética da linguagem, uma ética em ato, no sentido de que sempre pressupõe uma subjetividade, um ponto de vista, e é sempre político, no sentido de que reestrutura as relações interpessoais.

A tomada do discurso como sistema radicalmente arbitrário retoma o caráter fundador da linguagem, já suscitado por Saussure e largamente teorizado por Benveniste, atentando para uma reconsideração do poema, uma reconsideração da arte. A arte não é mais avaliada somente a partir de seu valor estético, mas antes a partir do seu valor ético e político. Trata-se, dessa forma, de compreender o poema, a arte, considerando o seu modo de individuação, a sua historicidade.

A tomada do discurso como sistema proporciona ao analista observar o que é da ordem do contínuo na linguagem, o que é da ordem do inefável, do resto da linguagem. Essa alteração de ponto de vista propõe que se pense nos valores próprios a um sistema de discurso particular, nos valores que fazem a sua individuação e a sua historicidade.

Considerações finais

Meschonnic (2008) afirma que a invenção do discurso por Benveniste teria sido a maior invenção do século XX, depois daquela de sistema por Saussure. O teórico da linguagem, a partir dessa afirmação, aponta para a relevância da noção de discurso forjada por Benveniste, que conduz a um ponto de vista acerca da linguagem que a devolve à vida, na medida em que se trata de destacar seu poder de significadora, de semiotizadora e de fundadora. No entanto, também reconhece a necessidade, para se fundar tal noção de discurso, da noção de sistema forjada por Saussure. É a noção de sistema a responsável, conforme o pontua Lösener (2021), pela integração da historicidade com o funcionamento da língua; aí reside a atualidade da teoria saussuriana da língua.

É a noção de sistema, conforme foi destacado aqui, que sustenta a constelação de conceitos tão caros ao legado saussuriano, tais como a noção de arbitrário, de valor, de funcionamento. É a noção de sistema que, já na base da construção do pensamento da linguística moderna, propõe que, em termos de linguagem, não se busque mais a origem. É a noção de sistema que figura como a base do pensamento da antiorigem na linguagem.

Trata-se, portanto, via o pensamento do sistema, de não mais tomar a linguagem como apenas um instrumento de comunicação, nem considerar o estudo da linguagem como um estudo de suas origens. Busca-se, ademais, não discretizar o estudo da linguagem em níveis de análise, mas tomá-la como um sistema, cuja relação solidária entre as partes produz as unidades de que é composta. É a via do pensamento do sistema que permite que se observe

o contínuo da linguagem, que se coloque em relevo a subjetividade, o ritmo, a voz, o silêncio.

Intenta-se, por fim, não conceber a sociedade como globalidade, o indivíduo como dado, mas antes de buscar o movimento de sentido que (re)constrói, a cada ato de linguagem, os indivíduos, a sociedade, a cultura, bem como a própria linguagem. É nesse movimento de escuta da atividade da enunciação que se pode devolver a linguagem à vida.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes, 2005 [1966].
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 2006 [1974].
- BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Tradução de Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- DOSSÉ, François. *História do estruturalismo (v. 1): o campo do signo, 1945-1966*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- LÖSENER, Hans. Saussure e a historicidade da língua. Tradução de Aroldo Garcia dos Anjos. *Odisseia*, v. 6, n. 1, p. 1-17, 2021.
- MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lonrai: Éditions Verdier, 2009 [1982].
- MESCHONNIC, Henri. *Éthique et politique du traduire*. Lonrai: Verdier, 2007.
- MESCHONNIC, Henri. *Dans le bois de la langue*. Paris: Editiond Laurence Teper, 2008.
- MESCHONNIC, Henri. *Le signe et le poème*. Paris: Gallimard, 1975.
- MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique*. v. 1. Paris: Gallimard, 1970.
- NEUMANN, Daiane; ANJOS, Aroldo Garcia dos. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *Leitura*, v. 1, n. 62, p. 315-322, 2019.
- NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye, colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Éditions Payot & Rivages: Paris, 2005 [1916/1967].
- SAVANG, Jean-François. Rythme et signifiante dans la théorie du langage d'Émile Benveniste. In: BÉDOURET-LARRABURU, Sandrine; LAPLANTINE, Chloé (Orgs.). *Émile Benveniste: vers une poétique générale*. França: Presses des l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2015. p. 87-110.

Recebido em: 03/04/2023.

Aceito em: 17/05/2023.